

Oneyda Alvarenga morre completamente esquecida

ÊNIO SQUEFF
Crítico da "Folha"

Morreu ontem em São Paulo, aos 73 anos, a musicóloga e folclorista Oneyda Alvarenga, uma das mais importantes colaboradoras de Mário de Andrade na década de 40. Oneyda Alvarenga foi durante anos diretora da Discoteca Pública Municipal; deixou vários ensaios sobre música brasileira e folclore. Estava internada com câncer ósseo na enfermaria de indigentes do Hospital Sírio-Libanês.

Oneyda Alvarenga deixou uma das grandes obras musicológicas brasileiras deste século. Seus estudos sobre o folclore acompanharam "pari-passu" os ideais que Mário de Andrade projetou para a música brasileira. Por essas e outras, não era muito festejada. Há pouco menos de um ano, por exemplo, quando se constatou que estava doente, uma jovem que se dedica aos estudos sobre Mário de Andrade tentou junto à Secretaria Municipal de Cultura uma forma de auxílio para que os últimos dias da musicóloga não fossem tão degradantes. Como amiga e colaboradora de Mário de Andrade, Oneyda Alvarenga tinha muitos documentos preciosos sobre o escritor. Chegou inclusive a escrever um livro ("Mário de Andrade, Um Pouco") em que publicava parte de sua correspondência com Mário de Andrade. Era, portanto, uma espécie de patrimônio. Ocorre que o secretário municipal de Cultura de então não sabia de quem se tratava. E tudo ficou como antes.

Ao seu enterro, talvez, agora, se sigam as homenagens previsíveis. Como ex diretora da Discoteca Pública Municipal, Oneyda Alvarenga quem sabe mereça um retrato ou seu nome no Centro Cultural. Haverá quem se lembre desta homenagem póstuma. Oneyda Alvarenga era muito conhecida no Exterior. Impossível estudar a música brasileira da primeira metade do século sem um exame no que escreveu. Foi uma grande figura portanto, e o maestro Olivier Toni lembrava ontem, emocionado, que Mozart também morreu no abandono. O referencial pode parecer exagerado; mas deixa claro que no Brasil não são só os nordestinos anônimos que morrem na miséria e na indiferença. Os que fazem a cultura brasileira também. Estamos democratizando a miséria e o pouco caso. A circunstância da morte de Oneyda Alvarenga é apenas uma das provas disso.



Oneyda: dedicação total aos trabalhos inacabados de Mário

O braço direito de Mário de Andrade

Com a morte de Oneyda de Alvarenga, o Brasil, e não só São Paulo, perde uma das mais importantes mulheres de nossa cultura. E, como é comum em nosso País, ela, e sua extensa obra, nunca tiveram o devido reconhecimento por parte da população e das autoridades culturais. Braço direito de Mário de Andrade, que lhe confiou todo seu arquivo sobre folclore, é graças a ela que suas pesquisas sobre o assunto, inéditas, puderam ser divulgadas. No entanto, Oneyda foi muito mais do que apenas uma auxiliar de Mário. Dotada de um extraordinário valor cultural — reconhecido por Mário, que sempre a incentivou — ela deu inegáveis contribuições pessoais à pesquisa musical, além de ser uma poetisa de sensibilidade e talento.

Quando a jovem Oneyda chegou a São Paulo, em 1931, vinda da casa de seus pais (em Varginha, interior de Minas Gerais, onde nasceu em 1911), tinha apenas 19 anos. Logo matriculou-se no Conservatório Musical, onde foi aluna de Mário de Andrade, que lhe ensinou piano, história da música e estética. De seu contato com Mário nasceu uma amizade duradoura, que mudaria o destino de sua vida e que está maravilhosamente descrita nas cartas que os dois trocaram ao longo de muitos anos, reunidas no livro "Cartas — Mário de Andrade e Oneyda Alvarenga", editado pela livraria Duas Cidades, em 1983.

Ao terminar o curso no Conservatório, em 34, Oneyda retornou a Varginha, mas lá não ficou por muito tempo. Preocupado em desenvolver e aproveitar o enorme talento da jovem, que se perderia no interior de Minas, Mário, assim que assumiu o Departamento de Cultura do Estado de São Paulo convidou-a, em 1937, a assumir a direção da recém criada Discoteca Pública Municipal. A jovem Oneyda aceitou o desafio e durante os anos em que esteve à frente da Discoteca, de onde se aposentou em 1968, realizou um trabalho minucioso de documentação da música folclórica e de divulgação da música clássica.

Ainda hoje seu nome é citado com muito respeito e admiração entre os funcionários da Discoteca, atualmente abrigada nas dependências do Centro Cultural São Paulo. Para Lenira Lima, da subdivisão de coleções especiais da Discoteca, que não chegou a conhecê-la pessoalmente, seu trabalho ainda conti-

nua de pé: "Ela fez um excelente trabalho aqui. Foi uma pesquisadora muito conscienciosa. Sinto não tê-la conhecido."

Como Lenira, agora que Oneyda morreu e que certamente será homenageada, muitas outras pessoas sentirão o mesmo em relação a esta mulher. Para Gilda de Mello Souza, professora aposentada de Estética na Filosofia da USP que a conheceu desde os tempos em que acabara de chegar a São Paulo e que acabou se tornando sua amiga (Gilda é prima de Mário de Andrade e durante anos morou na casa do escritor, que Oneyda frequentava com assiduidade), "Oneyda Alvarenga, por ser uma mulher de extraordinário valor intelectual, ficou um pouco na sombra porque dedicou grande parte do seu talento, de corpo e alma, aos trabalhos inacabados de Mário de Andrade".

Vasta obra

Ela foi a responsável pela publicação de todas as obras de folclore de Mário de Andrade, reunidas em "Danças Dramáticas no Brasil", em três volumes, e "Música de Feitiçaria", livros publicados na década de 50 pela Martins Fontes. E que serão complementados com a futura publicação, em março próximo (pela editora Duas Cidades em convênio com o Instituto Nacional do Livro e apoio da Funarte), de "Os Cocos" e "Melodias do Boi e Outras Peças". Escreveu ainda uma "História da Música Popular Brasileira", editada inicialmente em espanhol, no México, e que teve sua publicação no Brasil em 1945. Foi a autora de uma série de catálogos críticos que acompanharam o lançamento de coleções de discos sobre o folclore brasileiro: "Xangô" e "Tambor de Mina e Tambor de Crioulo", ambos em 1948, "Catimbó", em 49, e "Babaçuê", em 50. Também é de sua autoria "Discoteca Pública Municipal", livro que documenta todo o trabalho realizado naquele órgão, editado em 1942.

Mas não é somente como pesquisadora ou continuadora da obra de Mário que Oneyda deve ser lembrada, como ressaltava Gilda de Mello e Souza, lembrando seu livro de poesia "Menina Boba", editado em finais da década de 30 e acolhido de maneira entusiástica não só por Mário de Andrade, seu grande mestre, mas por nomes como Manuel Bandeira. Para Gilda, o que impressina

na obra, "um livro pungente", é a sensibilidade da então jovem poetisa, que unia em seus versos a marca do mestre Mário à "pulsão feminina ainda intimizada".

Correspondência

Mas talvez o melhor exemplo para se entender ou reconhecer o grande talento de Oneyda e sua bonita relação de amizade com Mário de Andrade esteja em "Cartas — Mário de Andrade e Oneyda Alvarenga". Ninguém melhor do que Gilda para definir a correspondência de seu primo mais velho e da amiga: "A meu ver, essas cartas, junto com as de Manuel Bandeira e Carlos Drummond, representam o mais alto momento da correspondência de Mário de Andrade, sobretudo por constituírem uma obra completa, trazendo as cartas de ambos. O livro nos dá uma imagem emocionante de um convívio intelectual, coisa raríssima no Brasil. Ele traz o debate entre os dois, revela as angústias e inquietações da jovem Oneyda e as respostas e lições de Mário." Para Gilda, essas cartas revelam ainda o alto nível intelectual de Oneyda e a beleza de seu estilo em prosa.

A relação de amizade e troca intelectual entre Mário e Oneyda, que fazia parte de um grupo de jovens admiradores e seguidores de Mário que se autodenominavam "Irmãos Pequenos" (em homenagem a um dos mais belos poemas de Mário intitulado "O Rito do Irmão Pequeno"), é, para Gilda, "uma relação especial, extremamente rara, de uma cordialidade recíproca. Ele não era paternalista, era receptivo e recebia as críticas dos jovens". "É possível, pensa ela, que a admiração muito grande pelo escritor tivesse impedido Oneyda de se realizar totalmente... Ela foi, na verdade, a única grande colaboradora que Mário teve."

Emocionada com a perda da amiga, Gilda conclui: "Com a morte dela se tem o final do trabalho de Mário, o resto de seu esforço. É o último alento da vida dele que se vai." Outra amiga de Oneyda, a pesquisadora do Instituto de Estudos Brasileiros Telê Ancona acha que "agora, a Prefeitura deveria dar o nome de Oneyda à Discoteca Municipal". Nada mais justo para uma mulher que morreu trabalhando no projeto de edição de um "Dicionário Musical iro" e que deu uma contribuição inegável à pesquisa cultural no País. A. B.

Trecho de uma carta de Mário à Oneyda

(...)Se você não tivesse inteligência forte e veia lírica, jamais que faria este progresso. Mas tendo essas qualidades, esse progresso foi fácil e não representa uma conquista feita com trabalho. Agora é que as conquistas vão se tornar difíceis e lentas. Conquistas que serão feitas de muita reflexão, de muita introspecção, de muita exigência insatisfeita, de muito trabalho técnico pra identificar o verso com a personalidade e torná-lo pessoal e representativo. Mas não desanime porque seria simplesmente ignominioso desanimar, diante dos resultados já conseguidos. Está claro que ainda não direi que os versos vindos são ótimos, e muito menos que sejam definitivos. Se eu falasse isso, você teria direito de desconfiar de mim, que eu estava julgando você com uma superioridade condescendente, e tinha razão. Ora eu trato você de igual pra igual, que a meu ver é o único jeito de merecer o título de...professor.

PLAYBOY

arrematado

Matil

Ma

Milio
ve